

38.º Encontro de Filosofia

filosofia e emoção

17 de fevereiro de 2024 | formato híbrido

**Meta-emoções: problemas, desafios e contribuições
para melhor compreender as emoções**

Dina Mendonça

Coimbra, Portugal,
2024

Meta-emoções: problemas, desafios e contribuições para melhor compreender as emoções

Dina Mendonça, IFILNOVA, NOVA FCSH, UNL

md@fcsch.unl.pt & mendonca.emotion@gmail.com

Coimbra, 17 de Fevereiro de 2024

Agradecimentos à Associação de Professores de Filosofia pelo convite



Meta-emoções: problemas, desafios e contribuições para melhor compreender as emoções

1. Contribuição da reflexão filosófica para a construção interdisciplinar de uma Teoria das Emoções.
2. As meta-emoções, têm um papel importante para compreender a interação das emoções com várias atividades (por exemplo, nos processos de aprendizagem). Quando as emoções são sobre outras emoções são meta-emoções e modificam os processos emocionais de primeira ordem.
3. Ainda que as meta-emoções sejam inquestionáveis levantam muitas dúvidas e problemas que podem ajudar a melhor compreender o poder transformador dos processos emocionais.
4. A partir da noção de meta-emoções é possível levantar a hipótese de uma nova teoria das emoções:
A Layered Theory of Emotions - Teoria de Camadas das Emoções
(Mendonça (forthcoming 2024) **A Layered Theory of Emotions** New York: Palgrave)

1. Contribuição da reflexão filosófica para a construção interdisciplinar de uma Teoria das Emoções.

A investigação sobre emoções em várias áreas de conhecimento tem oferecido uma nova maneira de melhor compreender alguns conceitos teóricos fundamentais (Dukes et. Al. 2021). Por exemplo, a oposição entre razão e emoção tem sido questionada em vários domínios (por exemplo a investigação em neurosciência (Damásio 1995)). Alguns momentos chaves da investigação empírica tem possibilitado a outras áreas aceitar com mais facilidade a posição critica sobre a oposição clássica e orientar a investigação para melhor reconstruir uma noção de racionalidade que integre vários dos elementos da investigação (Mendonça & Sàágua 2019). A quantidade inacreditável de literatura científica que se produz sobre as emoções numa grande variedade de disciplinas é a testemunha da centralidade e importância da reflexão sobre as emoções. A filosofia não é exceção e algum do trabalho mais recente mostra a forma como a filosofia contribui para a investigação sobre emoções em geral (De Sousa 2022, Mendonça 2022). Ainda que seja preciso clarificar por que é que a filosofia se pode interessar por estes assuntos (Brady 2019, 8–9), já que é uma área que parece pertencer mais à psicologia, todas as que têm formação filosófica sabem que as emoções foram trabalhadas por filósofos desde da Antiguidade Grega (Mendonça 2022, 1)

1. Contribuição da reflexão filosófica para a construção interdisciplinar de uma Teoria das Emoções.

Neste momento, a filosofia das emoções ocupa-se com várias direções (Mendonça 2022).

- I. **Identificar questões de tipo teórico que estão por detrás da investigação sobre emoções em geral** (por exemplo; identificar incoerências teóricas, relações conceptuais essenciais, elementos pouco trabalhados sobre as emoções, avaliações teóricas gerais)
- II. **Cria e sugere novos conceitos** para melhor compreendermos a complexidade do mundo afetividade (por exemplo, emoções existenciais)
- III. **Reflete sobre problemas filosóficos sobre emoções**(por exemplo: paradoxo da ficção e o paradoxo da tragédia; como individualizar emoções e distingui-las de outros processos emocionais; o papel das emoções na moral e na ética, na estética e na epistemologia)
- IV. **Algumas pessoas na filosofia propõem teorias sobre as emoções** que tentam incorporar e resolver alguns problemas teóricos e oferecer um quadro teórico mais sólido para a investigação de tipo empírico.

Além disso, todas estas direções tem dado mais relevo ao trabalho filosófico sobre emoções que podemos encontrar na história da filosofia.

1. Contribuição da reflexão filosófica para a construção interdisciplinar de uma Teoria das Emoções.

Podemos dizer que a investigação filosófica sobre emoções está metaforicamente no coração da filosofia já que o trabalho filosófico está sempre de alguma forma ligado à máxima “Conhece-te a ti mesmo” e o processos emocionais dependem sempre de uma relação com o eu (Mendonça 2015).

A relação necessária entre emoções e a noção de eu é tão crucial que a própria experiência de ser um eu está formada pela mudança constante dos processos emocionais (Tracy et al. 2007, 187). Sem um eu não é possível viver emoções e em particular emoções como o orgulho, a vergonha e a auto compaixão que são emoções que pedem a auto referência (Tracy et al. 2007, 187).

Deste modo, interesse filosófico nas emoções é também dado pela própria natureza da filosofia: não é possível cumprir a recomendação da máxima do oráculo de Delfos sem enfrentar de alguma forma a natureza enigmática dos processos emocionais e como estão presentes de várias formas na vida de todos nós (Solomon 1999) e na mente corporizada (Gallagher 2017).

2. As meta-emoções.

A tarefa filosófica é praticamente infundável, sendo que tem como parte do seu foco a sua própria natureza.

Peter Goldie enumerou os factos de que uma teoria da emoção precisa de integrar (Goldie, 2007).

- a) a diversidade de emoções; como encaixar dentro da história evolutiva;
- b) qual é a diferença entre as emoções humanas e os sentimentos de outros animais não humanos;
- c) como compreender a intencionalidade das emoções;
- d) a especificidade da fenomenologia das emoções e a sua importância, sua racionalidade,
- e) suas relações com outros estados psicológicos,
- f) sua ligação à ação;
- g) e, finalmente, a nossa responsabilidade pelas nossas emoções. (Mendonça 2013, 390)

2. As meta-emoções.

Em parte é por isso que não é uma tarefa fácil fornecer uma teoria da emoção (Goldie 2007, p. 933).

A minha proposta é que se exija a uma teoria das emoções que também explique as meta-emoções e o seu impacto no mundo afetivo. (Mendonça 2013, 390).

Se partirmos da noção de meta-emoções é inevitável aceitarmos que as emoções podem aparecer em camadas.

Isso implica estabelecer a necessidade de interpretação dos estados emocionais de modo a incluir uma maior complexidade. E aceitar que a pergunta “o que é uma emoção?” com dificuldade conseguirá captar toda essa riqueza dos fenómenos emocionais.

Por isso esta dimensão emocional permite levantar uma nova hipótese sobre como melhor compreender os fenómenos emocionais.



2. As meta-emoções.

Quando as emoções são sobre emoções, estão colocadas em posição de relação em camadas, em vez de terem um formato sequencial (Pugmire 2005, p. 174).

Por exemplo,

A. quando alguém está triste com o seu ciúme, a sua tristeza é uma meta-emoção.

B. quando alguém está feliz por se sentir feliz esta pessoa tem uma emoção de primeira ordem - alegria sobre algo que lhe aconteceu, e uma emoção de segunda ordem - alegria sobre sentir alegria. (Mendonça 2013, 390)

Temos então emoções de primeira ordem & emoções de segunda ordem

(às vezes as emoções de segunda ordem são chamadas de secundárias, sobretudo na área da psiquiatria)

2. As meta-emoções.

A emoção e a meta-emoção podem ser simultaneamente sentidas ou não.

Quando as emoções são sequenciais, uma emoção segue outra, como quando tenho ciúmes do meu irmão e depois fico triste por perder o emprego. Mas quando as emoções aparecem numa relação de camada e as emoções são sobre outras emoções (como quando a tristeza é sobre o ciúme), a meta-emoção não tem que aparecer imediatamente sobre a experiência da emoção de primeira ordem.

Por exemplo, é possível imaginar que nos sintamos tristes com o seu ciúme depois da crise de ciúmes ter desaparecido.

2. As meta-emoções.

Já vimos que a meta-emoção pode ser a mesma que a emoção de primeira ordem, como quando alguém está feliz por ser feliz, ou diferente da emoção de primeira ordem, como quando alguém está triste por ter ciúmes. (Mendonça 2013, 391)

E claro temos que reconhecer também que quando a emoção e a meta-emoção são simultâneas, a sua fenomenologia entrelaça-se.

Sem dúvida, a sensação de ser feliz porque se é feliz reforça o estado fenomenológico inicial do sentir de felicidade. (Mendonça 2013, 390)



2. As meta-emoções.

Embora a existência de meta-emoções seja inegável, a atenção ao fenómeno da meta-emoção só recentemente tem sido o foco de filósofos e psicólogos e o seu impacto ainda não foi explorado na sua totalidade.

As descrições de meta emoções que encontramos na literatura filosófica mostram que a existência inequívoca de meta emoções não oferece uma descrição igualmente inequívoca sobre a sua natureza.



3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Existem várias dificuldades com meta-emoções:

A) A primeira dificuldade em considerar as meta-emoções é que pode ser difícil distinguir claramente a primeira ordem da segunda ordem, (especialmente claro quando a meta-emoção é igual a primeira ordem).

B) Em segundo lugar, não é claro como delimitar adequadamente a ocorrência de uma meta-emoção, que é quando uma emoção é sobre uma emoção ou sobre a emoção ou outra coisa que está implicada no processo emocional.

C) Em terceiro lugar, não é claro se a auto consciência é necessária para a ocorrência de uma meta-emoção e, se é necessária, de que forma se deve manifestar para que se possa dizer que houve auto consciência (Mendonça 2013, 391)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

A) Distinguir a primeira da segunda ordem.

Como exemplo da dificuldade de distinguir os dois níveis de resposta, Feagin em "Os Prazeres da Tragédia" descreve como um "rubor de estar envergonhado pode ser intensificado por ter vergonha de se ter corado", de tal forma que nenhuma distinção dos dois níveis pode ser identificada no rubor da pessoa envergonhada.

Feagin descreve que quando alguém cora por vergonha, pode ficar com vergonha da sua vergonha e por isso corar em cima do primeiro corar ficando ainda mais vermelho (Mendonça 2013, 391)

Sendo que é impossível distinguir os dois corares do ponto de vista de uma terceira pessoa e mesmo ser bastante difícil para a pessoa que vive a experiência.

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

A) Distinguir a primeira da segunda ordem.

O primeiro aspeto marcante do exemplo é o facto de ser impossível distinguir os dois momentos em que se corou, do ponto de vista fenomenológico. (Mendonça 2013, 391)

Isto levanta a questão de saber se os dois poderiam ser distinguidos por outras formas de registar a atividade emocional. Por exemplo, se fosse possível tornar uma imagem da atividade cerebral da pessoa envergonhada, também seria o caso de não conseguirmos distinguir o primeiro corar da segunda? Só alguém com formação especializada em medicina e neurociência poderia colocar e responder adequadamente à questão.

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

A) Distinguir a primeira ordem da segunda ordem.

Apesar deste problema, Feagin conclui que o facto de duas coisas serem dificilmente distinguíveis ou que não possam ser infalivelmente sempre distinguidas, e que há casos pouco claros de como os dois não são distinguíveis, não mina necessariamente a utilidade da distinção (Feagin, 1995, p. 208).

Embora Feagin demonstre que a dificuldade e até impossibilidade da distinção não a aniquila, isso mostra, ainda assim a segunda dificuldade (Mendonça 2013, 391): como delimitar adequadamente a ocorrência de uma meta-emoção (B).

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

B) Dificuldade na tarefa de delimitar adequadamente a ocorrência de uma meta-emoção

Podemos argumentar que o segundo momento de corar não é de facto sobre o primeiro momento de vergonha, mas antes sobre a possibilidade de alguém ver o primeiro constrangimento.

Nesta sugerida alternativa, não seria uma emoção sobre outra emoção, mas uma emoção sobre a visibilidade de uma emoção, e por isso deveria ser interpretada como uma emoção que aparece em sequencia e não com o formato reflexivo que imaginamos.

Isso significa que a delimitação das meta-emoções dependa de uma certa descrição da situação e, conseqüentemente, de uma certa interpretação da experiência emocional. (Mendonça 2013, 391)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

E a noção de uma descrição adequada faz aparecer uma terceira dificuldade, nomeadamente, a necessidade de o sujeito ter consciência da sua experiência emocional.

Se a auto consciência é suficiente e necessária para a ocorrência de meta-emoções, então, para delimitar quando é que emoções são meta emoções basta verificar se houve consciência da emoção de primeira ordem para podermos afirmar que a de segunda ordem é mesmo sobre a primeira ocorrência. No entanto, não é fácil mostrar que a autoconsciência é necessária para a ocorrência de uma emoção ou mesmo da meta-emoção em geral.

E, infelizmente, há muitas outras dúvidas e problemas sobre as meta emoções, para além das dificuldades apontadas.

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Por exemplo, podemos perguntamo-nos se o sujeito que experimenta a emoção pode distinguir o primeiro da segunda ordem quando as emoções são as mesmas. Parece mais fácil ver a distinção quando se tem vergonha de estar zangado ou se está feliz por sentir saudades de alguém, mas é menos claro que se possa distinguir os dois níveis como quando se está zangado por estar zangado, ou triste por se sentir triste, ou feliz com a sensação de felicidade.

E as dúvidas sobre as meta-emoções parecem ter tendência a multiplicar-se. Por exemplo:

Será que todas as emoções são capazes de existir ao nível da 2ª ordem? Quando é que acontecem? Quantos meta-níveis pode haver? Quando há uma emoção sobre uma emoção sobre uma emoção, ainda temos a primeira presente ou devemos pensar nisto como uma substituição do lugar (como é feito na análise da substituição da crença na metacognição)? Podemos sentir uma meta-emoção por antecipação e ainda é chamada de meta-emoção? Como podemos estudá-las?

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Tudo isto se deve talvez à verdadeira complexidade do assunto (Bartsch, Vorderer, Mangold, & Viehoff 2008, p. 12); e exige que consideremos se precisamos de considerar as meta emoções separadamente como um fenómeno singular do mundo afetivo ou se, ao contrário, em vez disso, devemos apenas descrevê-las como todas as outras emoções, exceto que o seu objeto é outra emoção (Mendonça 2013, 393)

Mostrei em 2013 num artigo intitulado “Emotions about Emotions” (2013) que podemos conceber a reflexividade das emoções como parte da reflexividade geral dos seres humanos (somos capazes de pensar sobre pensar, ter crenças sobre crenças, desejos sobre desejos, etc.). Depois, defendo a utilidade do conceito, apontando para o seu papel crucial para interpretar variações entre estados emocionais mostrando que, por exemplo, ter vergonha de uma tristeza é um sentimento diferente de ter orgulho de uma tristeza. (Mendonça 2013, 390)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Existem duas razões para que as meta-emoções sejam tratadas como diferentes das de primeira ordem.

Primeiro, porque as meta emoções têm necessariamente impacto no valor da emoção de primeira ordem.

Isto significa que quando sentimos uma meta-emoção, o seu objeto (a emoção de primeira ordem) muda e com ela também muda a experiência emocional.

Ou seja, é um cenário emocional completamente diferente dizer que alguém estava triste do que dizer que estava envergonhado por estar triste, ou dizer que alguém estava zangado por estar triste. (Mendonça 2013, 394)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Em segundo lugar, uma descrição da experiência, que inclui o nível meta emocional, pode tornar-se surpreendente e revelador tanto do sujeito que a vive como do evento que a pessoa está a viver.

A informação obtida com a descrição das meta emoções não é apenas uma questão de ter mais informações sobre a experiência; o conhecimento extra que obtemos das meta emoções pode mudar completamente o significado da experiência emocional. (Mendonça 2013, 394)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Isso significa que as meta-emoções podem ajudar a clarificar a natureza da emoção (Mendonça 2013, 390). Podemos compreender isso mais facilmente quando observamos as possibilidades que as meta-emoções permitem quando são integradas em outras considerações.

Primeiro, o papel que as meta-emoções podem ter nos processos de imaginação ajudam-nos a compreender melhor o impacto das meta emoções nas emoções. Quando experimentamos situações na imaginação percebemos como as meta emoções transformam o modo como a imaginação promove esta ou aquela ação futura. Entre outras coisas isso concede ao ficcional e ao que é imaginado um lugar especial para a análise das meta emoções, e para uma melhor compreensão do seu valor e impacto na continuidade da nossa experiência. (Mendonça 2013, 394)



3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Segundo as meta-emoções têm um papel fundamental na educação das emoções.

De facto, uma das coisas que tentamos fazer na educação é dar às pessoas certos pacotes de processos emocionais para que se desenvolvam com base em processos inteiros e não em breves momentos ou em satisfações a curto prazo. Simplisticamente podemos dizer que os educadores pretendem ensinar que todo o valor emocional de uma experiência só acaba quando a experiência chega ao fim.

As meta emoções podem fornecer uma maneira de melhor lidar com os processos emocionais já que podemos regular as experiências emocionais de primeira ordem com meta-emoções criando um conjunto de relações entre processos emocionais de primeira ordem e de segunda ordem. Ou seja, a ligação entre a primeira ordem e a segunda ordem não é dada como as emoções de primeira ordem são dadas. Assim, os educadores dirigem ou guiam a coloração feita por emoções de segunda ordem. (Mendonça 2013, 395)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

A aprendizagem emocional é um esforço complexo e talvez seja estruturalmente semelhante ao desenvolvimento estético, como sugere De Sousa quando escreve que "aprendemos a sentir novas emoções da mesma forma como aprendemos a experimentar arte" (De Sousa, 1990, p. 436).

Os comentários De Sousa, como ele próprio afirma, são especulativos e exigem investigação empírica (De Sousa, 1990, p. 434). No entanto, a introdução de meta emoções fornece outra ferramenta para a especulação porque sugere que uma das formas pelas quais as pessoas conduzem a aprendizagem emocional passa por cultivar relações entre emoções de primeira e de segunda ordem, e de complexificar a experiência emocional criando e modificando camadas emocionais e as suas relações. (Mendonça 2013, 395)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Ou seja, as meta emoções que concedem variações às emoções de primeira ordem sugerem que a educação emocional passa por:

- familiarizarmo-nos e dominar o sistema de lógica emocional (Rosenberg 1990, pp. 6-7),
- controlar as exposições emocionais (Rosenberg 1990, p. 8)
- ser capaz de reconhecer e aceitar experiências emocionais (Rosenberg 1990, p. 10)

e que isso também depende da compreensão de como as meta emoções promovem, dificultam e alargam a vida emocional. (Mendonça 2013, 395)

3. Dúvidas e problemas que dão pistas para melhor compreender a complexidade emocional.

Finalmente, a existência de meta-emoções permite levantar uma nova hipótese teórica sobre a natureza dos processos emocionais.

Se aceitarmos que a noção de meta-emoções é incontornável e que nenhuma teoria das emoções está completa se não explicar a sua força transformadora (Mendonça 2013), então podemos sugerir que uma hipótese teórica promissora é uma que integra a noção de camada emocional como parte da estrutura da vida emocional (Mendonça forthcoming 2024).



4. Em modo de conclusão - a hipótese de uma nova teoria das emoções.

Normalmente as teorias das emoções tentam captar os processos emocionais tentando identificar a sua natureza essencial respondendo à pergunta “O que é uma emoção?”

O famoso artigo de William James de 1884 sobre “O que é uma emoção?” (James 1884) estabeleceu o ponto de partida e existem várias teorias das emoções que oferecem uma resposta diferente à pergunta. A variação teórica é tal que alguns filósofos aceitam render-se a uma pluralidade teórica irreconciliável (de Sousa and Scarantino 2018, Brady 2019).

À medida que a investigação aumenta o cenário torna-se cada vez mais difícil. Além disso, a quantidade imensa e contante de publicação especializada faz com que qualquer investigador possa sentir que as suas dúvidas são apenas fruto de uma ignorância individual. Felizmente, há sempre aqueles que nos recordam que a sensação de ignorância acontece precisamente devido às enormes controvérsias que encontramos na investigação interdisciplinar sobre as emoções (de Sousa 2023).

4. Em modo de conclusão - a hipótese de uma nova teoria das emoções.

A investigação guiada pela pergunta “O que é uma emoção?” é unida pela perspectiva comum de tentar definir as emoções de modo a que seja possível desenhar uma linha causal entre situações e a experiência emocional, por exemplo explicando como situações perigosas provocam medo.

Claro, que o resultado teórico tem sempre que depois explicar as variações à definição dada e mostrar por que é que nem todas as pessoas lidam com o perigo da mesma forma do ponto de vista da expressão emocional, ou como é que em certas pessoas o perigo provoca uma sensação de alegria ou como é que algumas pessoas parecem imunes à experiência de certas alegrias, ainda que não estejam deprimidas. Podemos também dizer que estas tentativas teóricas têm dificuldade em explicar como é que os processos emocionais têm profundidade e amplitude, mesmo quando os teóricos reconhecem a importância destas características emocionais (Mendonça 2019, 684).

4. Em modo de conclusão - a hipótese de uma nova teoria das emoções.

A teoria de camadas das emoções (Layered Theory of Emotions) sugere uma forma de ultrapassar a pluralidade teórica da filosofia das emoções ao reconhecer que a paisagem emocional é constituída por vários tipos de processos emocionais: sentires, emoções, sentimento, estados de espírito. Todos estes processos emocionais podem ser interpretados à luz da noção de camada permitindo novas possibilidades de investigação. (Mendonça forthcoming 2024)

A sugestão teórica de que os processos emocionais aparece em camadas pode ser desenvolvida a partir do conceito filosófico de John Dewey de experiência. Segundo esta perspetiva, a noção de camada não é semelhante a camadas de tipo geológico que são fixas, sedimentadas e incapazes de serem transformadas. A partir da noção de experiência de John Dewey, é possível oferecer uma conceção de situação que pode ser usado para melhor compreender como as várias camadas interagem de forma pertinente entre si. É o reconhecimento da interação entre estas camadas que permite identificar de que forma é que as emoções fazem toda a diferença. (Mendonça forthcoming 2024)

4. Em modo de conclusão - a hipótese de uma nova teoria das emoções.

Com a noção de camada é possível usar várias formas de contraste que não estão disponíveis com outras definições teóricas de emoções. Por exemplo é possível distinguir emoções profundas e superficiais precisamente porque se colocam em contraste. (Mendonça 2019, forthcoming 2024)

Também é possível explicar a diferença entre emoções e estados de espírito (moods) de uma nova maneira.

Tradicionalmente a diferença é dada pela forma como os estados de espírito não têm um objeto fixo, enquanto que as emoções têm. Alguns autores dizem que essa diferença é uma diferença de grau (Goldie 2000, 17), e outros que é uma diferença de qualidade (Lormand 1985, 387). (Mendonça forthcoming 2024)

4. Em modo de conclusão - a hipótese de uma nova teoria das emoções.

A teoria de camada das emoções (Layered Theory of Emotions) oferece um novo modo de pensar estas diferenças.

Emoções e estados de espírito são duas possíveis camadas. Se considerarmos que estado de espírito representa um contexto mais alargado do ambiente emocional, enquanto que a emoção capta a situação emocional mais específica vemos que não se trata nem de uma diferença de grau nem de qualidade mas de uma forma de aumentar a capacidade de flexibilidade do mundo emocional. (Mendonça forthcoming 2024)

A proposta hipótese teórica nasce de uma perspetiva filosófica específica e é mais fácil perceber a sugestão teórica a partir de uma abordagem situacionista das emoções, ou seja, compreender os processos emocionais a partir da noção de situação. (Mendonça forthcoming 2024)

4. Em modo de conclusão - a hipótese de uma nova teoria das emoções.

Além disso, a teoria de camada das emoções (Layered Theory of Emotions) vem sublinhar que a maturidade emocional se revela pelo modo como se reage emocionalmente às situações.

Isto significa que passou a ser possível identificar como um sinal de imaturidade emocional ficar passivo perante determinadas injustiças (Frankfurt 1988, 185).

Por outras palavras, uma das consequências de acrescentar a noção de camada emocional é uma explicação de como a regulamentação emocional (Mendonça & Sàágua 2019) é uma parte fundamental do processo de maturidade emocional (Mendonça 2006).



Referências bibliográficas.

- Brady, M.S. *Emotion: The Basics*; Routledge: London, UK; New York, NY, USA, 2019.
- Damásio, A. *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*; Avon Books: New York, NY, USA, 1995
- De Sousa, R. What Philosophy Contributes to Emotions Science. *Philosophies* **2022**, *7*, 87.
- De Sousa, R. (1990). Emotions, education and time. *Metaphilosophy*, *21*, 434–446.
- Dukes, D.; Abrams, K.; Adolphs, R.; Ahmed, M.E.; Beatty, A.; Berridge, K.C.; Broomhall, S.; Brosch, T.; Campos, J.J.; Clay, Z.; et al. The rise of affectivism. *Nat. Hum. Behav.* **2021**, *5*, 816–820.
- Feagin, S. L. (1995). The pleasures of tragedy. In A. Neill & A. Ridley (Eds.), *Arguing about art* (pp. 204–217). New York, NY: McGraw-Hill.
- Frankfurt, Harry G. 1982 “The importance of what we care about” *Synthese* 53: 257-272.
- Goldie, P. (2007). Emotion. *Philosophy Compass*, *2*, 928–938.
- Jäger C., & E. Bänninger-Huber (2015): Looking into meta-emotions, *Synthese* (2015) 192:787–811.
- Jones, T.,/Bodtker, (2001) “In theory mediating with heart in mind: Addressing emotion in mediation practice” *Negotiating Journal*, *3*, 217–244.
- Howard, S. A. (2015) “Metaemotional Intentionality”. *Pacific Philosophical Quarterly*, doi: [10.1111/papq.12093](https://doi.org/10.1111/papq.12093).
- Mendonça, D.; Sàágua, J. Emotional Reflexivity in Reasoning; The function of describing the environment in emotion Regulation. In *The Value of Emotions for Knowledge*; Candiotta, L., Ed.; Palgrave MacMillan: Gewerbestrasse, Switzerland, 2019; pp. 121–144.
- Mendonça (forthcoming 2024) **A Layered Theory of Emotions** New York: Palgrave.
- _____. 2022. "Self-Pity as Resilience against Injustice" *Philosophies* *7*, no. 5: 105. <https://doi.org/10.3390/philosophies7050105>
- _____. (2016) “Emotions and Akratic Feelings” In Sara Graça da Silva (Ed.). *Morality and Emotion (Un)conscious journey into being* (pp. 50-61). London & New York: Routledge.
- Mayer, J. D., & Gaschke, Y. N. (1988). The experience and meta experience of mood. *Journal of Personality and Social Psychology*, *55*, 102–111.
- _____. Feelings and the Self. In *Philosophical Perspectives on the Self*; Fonseca, J., Gonçalves, J., Eds.; Peter Lang: Bern, Switzerland, 2015; pp. 101–118.
- _____. (2013) “Emotions about Emotions” *Emotion Review* vol.5, No.4 (October), 390-396. ,
- Mitmansgruber, H., et al., (2009) “When you don’t like what you feel: Experiential avoidance, mindfulness, and meta-emotion in emotion regulation”, *Personality and Individual Differences* *46*, 448-453.
- Pugmire, D., (2005) *Sound Sentiments. Integrity in the emotions*. Oxford: Oxford University Press.
- Rosenberg, M. (1990). Reflexivity and emotions. *Social Psychological Quarterly*, *53*, 2–12.
- Tracy, J.L.; Robins, R.W.; Tangney, J.P. *The Self-Conscious Emotions: Theory and Research*; Guilford Press: New York, NY, USA, 2007.

Agradecimentos à Associação de Professores de Filosofia pelo convite

